



Movimento de moradia e práticas de comunicação popular

Aprendizados a partir de um processo de capacitação em São Paulo, Brasil

Talita Anzei Gonsales, Francisco de Assis Comarú, Benedito Roberto Barbosa, Evaniza Rodrigues, Elaine Ferreira Rosa, Cecília Capistrano Bacha e João Paulo Rodrigues de Oliveira

Documento de trabalho

Junho de 2025

Comunicação; Urbanização

Palavras-chave:
habitação, movimentos sociais, comunicação, Brasil

Sobre a autora

Talita Anzei Gonsales / LabJuta-UFABC
Francisco de Assis Comarú / LabJuta-UFABC
Benedito Roberto Barbosa / UMM-SP / LabJuta-UFABC
Evaniza Rodrigues / UMM-SP
Elaine Ferreira Rosa / UMM-SP / LabJuta-UFABC
Cecília Capistrano Bacha / UMM-SP
João Paulo Rodrigues de Oliveira / UMM-SP

Autores correspondentes: talita.anzei@gmail.com;
francisco.comaru@gmail.com

Contato correspondente do IIED: camila.cocina@iied.org

Produzido em parceria

A União dos Movimentos de Moradia (UMM) foi fundada em 1987 com o objetivo de reunir e fortalecer os movimentos de luta por moradia, defender o direito à habitação, promover a reforma urbana e a autogestão, e, assim, resgatar a esperança do povo em direção a uma sociedade sem exclusão social. A UMM constitui uma rede de movimentos sociais que atuam na organização e na reivindicação por habitação popular.

O LabJuta — Laboratório Justiça Territorial, da Universidade Federal do ABC — é um laboratório de pesquisa e extensão criado em 2015 a partir do encontro entre professores(as), estudantes, pesquisadores(as) e lideranças populares. Seu objetivo é desenvolver atividades de extensão e pesquisa sobre temáticas territoriais por meio de metodologias de pesquisa-ação.

Agradecimentos

Agradecemos aos parceiros que participaram ao longo do curso, em especial ao coletivo Periferia em Movimento, ao HumanizaCom, à Rádio Comunitária Heliópolis e à Joana Brasileiro. Este trabalho foi apoiado pelo Arts and Humanities Research Council (número do subsídio AH/W005980).

Publicado pelo IIED, Junho de 2025

Gonsales, TA, Comarú, FA, Barbosa, BR, Rodrigues, E, Rosa, EF, Bacha, CC e Oliveira, JPR (2025) Movimento de moradia e práticas de comunicação popular: aprendizados a partir de um processo de capacitação em São Paulo, Brasil. IIED, Londres.

iied.org/pt-br/22646iied

ISBN: 978-1-83759-151-0

International Institute for Environment and Development
44 Southampton Buildings, Londres WC2A 1AP, Reino Unido
Tel: +44 (0)20 3463 7399
www.iied.org

www.linkedin.com/company/iied

www.facebook.com/thelIIED

Baixe mais publicações em iied.org/publications



As publicações do IIED podem ser compartilhadas e republicadas de acordo com a Licença Pública Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND

4.0). De acordo com os termos desta licença, qualquer pessoa pode copiar, distribuir e expor o material, desde que atribua o devido crédito à fonte original e não o utilize para fins comerciais nem crie derivados. Licenças diferentes podem ser aplicadas a alguns elementos ilustrativos, em cujo caso a licença será exibida na lateral. O IIED está à disposição para discutir qualquer aspecto de uso adicional. Obtenha mais informações em www.iied.org/about-publications

O IIED é uma instituição beneficente registrada na Inglaterra, Charity No.800066, e na Escócia, OSCR Reg No.SC039864, e uma entidade limitada por garantia registrada na Inglaterra sob o número 2188452.

O artigo apresenta a experiência de um curso de formação em comunicação popular destinado a militantes da União dos Movimentos de Moradia de São Paulo (UMM-SP), uma entidade com 35 anos de atuação que busca reorganizar suas estratégias comunicativas. Para isso, a UMM organizou um curso para sua base com o objetivo de apresentar discussões teóricas e ferramentas de comunicação aos participantes e, ao fim, organizar um grupo que se dedicasse à comunicação do movimento. O texto apresenta reflexões acerca dessa experiência, marcada por potencialidades e limitações.

Índice

Abreviaturas	4	4 Conclusões	22
Resumo	5	Referências	24
1 Introdução	7	Leituras relacionadas	25
2 Metodologia	10		
Breve descrição da estrutura das oficinas	10		
3 Resultados e discussão	14		
A — Compreendendo capacidades, métodos e táticas	14		
B — Lidando com restrições e limites	19		
C — Explorando oportunidades de influência e impacto	20		

Abreviaturas

CDZ	Campanha Despejo Zero
FAUUSP	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
GT	Grupo de Trabalho
IIED	International Institute for Environment and Development
PEM	Periferia em Movimento
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFABC	Universidade Federal do ABC
UMM-SP	União dos Movimento de Moradia de São Paulo
UNMP	União Nacional por Moradia Popular
Unifesp	Universidade de São Paulo

Resumo

O documento apresenta uma análise do relatório interno de pesquisa sobre o “Curso de comunicação popular: desvendando estratégias comunicacionais”, promovido pela União dos Movimentos de Moradia de São Paulo (UMM-SP), com o apoio do Laboratório Justiça Territorial (LabJuta) da UFABC e do International Institute for Environment and Development (IIED). O curso surgiu a partir da necessidade da UMM-SP, com mais de 35 anos de atuação, de adaptar suas estratégias de comunicação à realidade das mídias digitais contemporâneas e ampliar seu alcance no ambiente online. Um dos principais objetivos era a formação de um Grupo de Trabalho (GT) permanente para fortalecer a comunicação do movimento. Além disso, o curso buscou promover uma reflexão crítica sobre a produção de comunicação, abordando temas como a democratização da mídia, a atuação em diferentes canais e o enfrentamento da desinformação e da mídia hegemônica.

A iniciativa contou com parcerias estratégicas entre a UMM-SP, o LabJuta e coletivos de comunicação periférica, como o Periferia em Movimento (PEM) e a Rádio Comunitária Heliópolis, além da participação de pesquisadores do grupo HumanizaCom, da Universidade Metodista. A escolha desses parceiros teve como objetivo trazer a experiência da produção comunicacional em contextos semelhantes aos dos participantes do curso, com foco no protagonismo da comunicação periférica.

A metodologia do curso foi dividida em duas partes: uma teórica, com convidados para discutir conceitos de comunicação, produção e reflexões críticas sobre o campo; e outra prática, focada no uso de diversas ferramentas. Foram realizados seis encontros mensais, aos sábados pela manhã, em um local acessível, próximo ao centro de São Paulo. As oficinas práticas concentraram-se em quatro ferramentas principais: produção de vídeo, produção de texto, podcast (produção de áudio) e produção visual (cards), com o celular como instrumento principal, devido ao acesso restrito da maioria dos participantes a computadores. Os participantes foram divididos em grupos de interesse, aprofundando-se em uma ferramenta

específica e vivenciando todas as etapas de produção, desde o roteiro até a edição e divulgação dos materiais produzidos. O registro das atividades foi realizado por meio de relatórios, anotações em cadernos de campo, vídeos, fotos e análise dos produtos finais.

O curso contou com a participação ativa de militantes da UMM-SP, um movimento que reúne e coordena diversas organizações de moradia em diferentes regiões do Estado de São Paulo, chegando a contar com até 100 participantes em algumas atividades. O público era heterogêneo em termos de faixa etária, o que representou um desafio metodológico quanto ao uso do celular e de aplicativos de edição, com maiores dificuldades enfrentadas pelos participantes mais idosos.

O processo de definição das estratégias do curso dialogou com o histórico da UMM-SP no campo da comunicação, desde o uso de ferramentas analógicas até a adoção de plataformas digitais. Nesse mapeamento, observou-se que o WhatsApp se destacou como a ferramenta mais utilizada para comunicação interna, enquanto Facebook e Instagram são importantes para a comunicação externa, com algumas diferenças geracionais. Apesar do crescimento das redes sociais, o jornal impresso ainda é um canal de comunicação de confiança e grande importância para os militantes do movimento. Cabe frisar que a UMM-SP produz comunicação há 35 anos; não se trata, portanto, de uma nova frente de atuação, mas sim de um aprofundamento e de uma remodelação de sua prática comunicativa. Essas constatações foram fundamentais para a seleção das ferramentas utilizadas no curso e, além disso, reforçaram a centralidade da comunicação na luta por moradia e a capacidade de algumas lideranças de mobilizar redes.

No que diz respeito aos resultados das oficinas práticas, pode-se dizer que a oficina de produção de cards foi bem-sucedida, gerando muitos produtos e um impacto rápido na mobilização popular. Por outro lado, as oficinas de produção audiovisual e de podcasts apresentaram maiores desafios. Nesse sentido, ainda que fossem percebidas diferenças geracionais, observou-se que as dificuldades associadas a essas

diferenças também proporcionaram um aprendizado mútuo entre os participantes. Sendo assim, destaca-se que a heterogeneidade da base do movimento demanda cautela nas estratégias de comunicação, mas também reforça a importância de estabelecer um espaço de troca e compartilhamento entre os militantes.

O relatório também abordou as restrições e os limites enfrentados, como a exclusão digital, dificuldades de leitura, disseminação de fake news, desigualdade nas disputas comunicacionais e o impacto dos algoritmos das redes digitais. Destacou-se, ainda, a importância de compreender esses algoritmos para otimizar a disseminação de conteúdos nas plataformas. Outros limites mencionados incluíram a impossibilidade de participação em todas as oficinas e a dificuldade na formação do GT de comunicação, diante da necessidade de liberação de militantes qualificados para exercer essa função.

Em conclusão, apesar dos desafios, o projeto foi bem-sucedido em mobilizar e qualificar militantes em comunicação popular, criando as bases preliminares para a formação do GT. Cabe destacar que o apoio contínuo é essencial para sua consolidação. Além disso, a experiência foi importante para introduzir o debate sobre a comunicação periférica e o uso de ferramentas comunicacionais, apontando tanto os desafios quanto as oportunidades futuras. Por fim, o curso proporcionou um espaço de troca e compartilhamento entre militantes de diferentes regiões e com trajetórias diversas, fortalecendo os movimentos e evidenciando o potencial transformador da comunicação.

1

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar a metodologia e as reflexões decorrentes de um processo de capacitação popular, materializado por meio do “Curso de comunicação popular: desvendando estratégias comunicacionais”, promovido pela União dos Movimentos de Moradia de São Paulo (UMM-SP), com o apoio do Laboratório Justiça Territorial (LabJuta), da Universidade Federal do ABC (UFABC), e do International Institute for Environment and Development (IIED). O curso teve como objetivo principal oferecer um repertório de estratégias comunicacionais aos militantes de diversos movimentos de moradia que se reúnem no âmbito da UMM-SP. Para isso, foi organizado com base em uma leitura inicial sobre as formas de acesso à informação utilizadas pelos militantes, bem como no acúmulo das experiências compartilhadas pela UMM-SP ao longo de seus mais de 35 anos de existência e de atuação capilarizada em diversos territórios da cidade.

A comunicação, enquanto frente de atuação do movimento, não é uma atividade recente. Pelo contrário, desde sua formação, em 1987, a UMM-SP produz peças comunicacionais voltadas tanto para o público interno quanto externo. Entretanto, diante das transformações nas formas de comunicar — sobretudo com a ampla utilização das redes sociais — o movimento reconheceu a necessidade de ampliar seu repertório de ferramentas e estratégias para alcançar novos públicos no disputado ambiente digital. Para além do uso de diferentes recursos comunicacionais, o curso também teve como objetivo a formação de um Grupo de Trabalho, de caráter mais permanente, que fortalecesse as estratégias do movimento no campo da comunicação social e popular — questão que será aprofundada adiante.

Por fim, outro objetivo foi incentivar os militantes dos diversos movimentos reunidos sob a UMM-SP a refletirem e discutirem sobre a produção da comunicação — o que envolve, inclusive, o debate sobre a democratização da mídia, a produção comunicacional em canais hegemônicos e/ou periféricos, bem como a ampla disseminação de notícias falsas, que tem se colocado como um grande desafio para as democracias em todo o mundo. Diante disso, o curso foi estruturado em dois momentos principais: uma etapa teórica, que contou com a participação de diferentes atores para discutir aspectos conceituais da comunicação, e uma etapa prática, voltada para o uso de distintas ferramentas comunicacionais. O registro da metodologia já foi realizado em outros documentos e será brevemente apresentado adiante.

A documentação do curso que fundamentou sua organização e planejamento foi elaborada a partir de uma pesquisa de cunho operacional, viabilizada por meio de um questionário aplicado aos participantes no início das atividades, além do registro em diário de campo ao longo dos seis meses de duração e da análise dos produtos gerados ao final do curso — material que será, em grande parte, apresentado e discutido neste artigo.

No que diz respeito aos participantes do curso, destaca-se o protagonismo da UMM-SP, que vem produzindo comunicação desde 1987. O movimento local, ligado à União Nacional por Moradia Popular (UNMP), funciona como um “guarda-chuva” para diversos movimentos territorializados no estado de São Paulo e em outras regiões do país. Isso significa que diferentes grupos compartilham espaços organizativos para construir estratégias conjuntas na luta por moradia

digna e pelo direito à cidade. Dessa forma, a UMM-SP atua em múltiplas escalas: na escala local, por meio de movimentos regionais e associações de bairro; nas escalas municipal, metropolitana e estadual, por meio da própria UMM-SP; e na escala nacional, por meio da UNMP, que reúne movimentos de diversos estados em uma articulação de abrangência nacional. Além disso, o movimento também se organiza em frentes temáticas, como a Secretaria de Mulheres e a Secretaria de Favelas e Ocupações. Trata-se, portanto, de uma estrutura ampla e complexa, com atuações em diferentes escalas e voltada a públicos diversos, o que exige práticas de comunicação capazes de dialogar com essa multiplicidade.

O Laboratório Justiça Territorial (LabJuta), por sua vez, é um laboratório de pesquisa e extensão vinculado à UFABC, criado em 2015. Entre seus principais interesses, destaca-se a produção de pesquisas colaborativas e engajadas com temas relacionados à (re)produção do espaço urbano, nos e a partir dos territórios populares, conforme exposto em sua carta de princípios. O LabJuta portanto

“[tem o] objetivo de desenvolver atividades de extensão e pesquisa em temáticas associadas à habitação popular, planejamento e gestão do território, engenharia ambiental e urbana, movimentos sociais, direitos humanos, saúde pública, ecologia política, entre outras, por meio de metodologias de pesquisa-ação, pesquisa participante, outras formas de pesquisas colaborativas e educação popular, de modo a contribuir com a coprodução de conhecimentos e soluções a partir da ação e reflexão sobre situações-conflitos que afetam, direta ou indiretamente, os territórios populares.”

(LabJuta, 2023) O grupo conta com a participação de docentes, discentes da graduação e da pós-graduação, pesquisadores e lideranças de movimentos populares — especialmente aqueles ligados às pautas da moradia, do direito à cidade e do saneamento — que vêm acumulando uma série de experiências colaborativas. Um dos temas de interesse do laboratório, há alguns anos, são as estratégias de comunicação popular, especialmente quando analisadas como forma de educação popular, nos termos de Paulo Freire. Entendemos a comunicação como uma ferramenta de diálogo com as populações em situação de vulnerabilidade, tanto para lidar com demandas e reivindicações cotidianas, quanto para discutir, pensar, demandar e propor estratégias de produção de novos horizontes e cidades mais justas.

Nesse sentido, o grupo já desenvolveu projetos de extensão voltados à produção de peças

comunicacionais em parceria com moradores de territórios populares — como o projeto “Rádio Poste”¹ (2017) e sua derivação, “Vídeo Poste”² (2018). Ambos tinham como objetivo a produção de conteúdos em áudio e vídeo, a partir da perspectiva de pessoas em situação de rua, atingidas por grandes projetos ou moradoras de favelas e ocupações. Pesquisadores do LabJuta também acumularam experiências significativas por meio do Observatório de Remoções, cuja atuação se baseia na visibilização de situações de remoção e ameaças a comunidades vulnerabilizadas na Região Metropolitana de São Paulo, em parceria com o LabCidade (FAUUSP), Unifesp, UMM-SP, Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, entre outros atores.

É com base nessas trajetórias e experiências que o grupo se insere no “Curso de comunicação popular: desvendando estratégias comunicacionais”. Nota-se, no entanto, que embora atuem na produção de contranarrativas, a comunicação não constitui a principal área de especialização do laboratório — o mesmo se aplica à UMM-SP. Apesar de ambos os grupos produzirem cotidianamente materiais de comunicação, essa não é sua área de expertise. Por essa razão, o curso contou com uma série de parceiros que foram fundamentais na facilitação das oficinas e na implementação da formação.

Citamos inicialmente a parceria com o coletivo Periferia em Movimento (PEM)³, uma produtora independente de “jornalismo de quebrada”, como o próprio grupo se autodefine. A escolha do coletivo como parceiro evidenciou não apenas a orientação oferecida aos participantes do curso em relação a uma ferramenta específica — o audiovisual —, mas também a importância de contar com uma produção periférica, pensada e realizada a partir da perspectiva de sujeitos periféricos, tal como o público do curso relatado neste documento. Essa foi uma das principais justificativas para a escolha do PEM, que atuou tanto nas aulas práticas quanto nas teóricas.

Assim como o PEM, outro parceiro do curso foi a Rádio Comunitária Heliópolis, criada em 1992 na favela de Heliópolis⁴, uma das maiores e mais populosas de São Paulo. A rádio enfrentou uma série de dificuldades e ameaças ao longo de sua trajetória, mas consolidou-se como uma das principais rádios comunitárias do Brasil. A escolha desse parceiro se deu não apenas pelas relações estabelecidas com a UMM-SP, mas, sobretudo, por se tratar de um coletivo periférico que produz comunicação a partir de uma leitura e interpretação enraizadas na realidade das periferias.

¹ Produtos disponíveis em: <https://soundcloud.com/user-688566799>. Acesso em 28 de set. 2024.

² Produtos disponíveis em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLTCQpxE8VlirK8_26yT0hgi-N8wmVadM. Acesso em 28 de set. 2024.

³ Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/>. Acesso em 15 de set. 2024.

⁴ Disponível em: <https://www.heliopolisfm.com.br/>. Acesso em 15 de set. 2024.

O coletivo acadêmico responsável pela oficina de produção de textos foi formado pelo grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions (HumanizaCom), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.⁵ O outro grupo de facilitadores das oficinas não se configurava necessariamente como um sujeito coletivo formal, embora seus integrantes atuassem de maneira articulada. Chegaram ao curso por meio de relações prévias com os organizadores e tiveram uma atuação fundamental, como será detalhado adiante — com destaque para o grupo responsável pelas oficinas de produção textual.

A próxima seção deste relatório tem como objetivo apresentar brevemente a metodologia do curso, explicando a atuação dos facilitadores mencionados, bem como as estratégias selecionadas para o desenvolvimento das atividades. Na sequência, serão discutidas algumas reflexões a partir dos relatos das oficinas e das perguntas norteadoras desta análise.

⁵ Sob coordenação da Profa. Dra. Cilene Victor e participação dos pesquisadores Nádya Moragas e Louis Marie Ndomo Edoa, o grupo HumanizaCom é credenciado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.

2

Metodologia

Breve descrição da estrutura das oficinas

Para definir a metodologia do curso, foram necessárias diversas conversas e reflexões envolvendo as equipes do projeto. Uma dessas etapas contou com a participação da equipe do IIED, inicialmente com o objetivo de compreender de que forma a UMM-SP tem produzido sua comunicação desde a sua origem, como ela se transformou ao longo do tempo e se adaptou aos novos desafios. Em um segundo momento, o foco esteve em identificar os desafios atuais e refletir sobre como o curso poderia fortalecer essa dimensão da atuação, que, cada vez mais, tem se mostrado fundamental na luta por moradia digna.⁶

Após essa etapa preliminar, compreendeu-se que os principais objetivos do curso eram: i) apresentar aos militantes dos diversos movimentos reunidos na UMM-SP o funcionamento do processo de produção de comunicação e algumas de suas principais ferramentas; e ii) organizar um Grupo de Trabalho de Comunicação, com representantes dos diferentes movimentos, que pudesse colaborar com e fortalecer a comunicação da UMM-SP de forma mais permanente.

Buscou-se adotar estratégias já utilizadas há décadas pelos movimentos em seus processos formativos, com o objetivo de viabilizar a mobilização e a presença contínua dos militantes ao longo do curso. Sendo

assim, definiu-se inicialmente que o curso se organizaria em seis encontros mensais, realizados aos sábados pela manhã. As atividades aconteceram em um espaço de fácil acesso do ponto de vista da mobilidade urbana, localizado na região central da cidade de São Paulo, respeitando a estrutura radial da mobilização da metrópole. Essa escolha foi fundamental para possibilitar a participação de militantes oriundos de diferentes regiões, facilitando o deslocamento até o local das oficinas.

Num primeiro momento, considerou-se a possibilidade de rodiziar a realização das atividades entre diferentes regiões do município. Embora essa estratégia, em teoria, aumentasse a representatividade regional ao percorrer distintos territórios, compreendeu-se que ela também tornaria mais complexa a logística tanto para a organização quanto para os participantes. Sendo assim, definiu-se que as atividades aconteceriam no Centro Pastoral São José do Belém, localizado no bairro do Belém, na região central de São Paulo.

Cada atividade foi dividida em duas partes. A primeira ocorria das 9h às 11h da manhã, reunindo todos os participantes em um único grupo. Nesse momento, uma pessoa convidada realizava uma explanação inicial sobre temas previamente definidos, nos quais já possuía conhecimento acumulado. Após a apresentação, o espaço era aberto para o debate entre todas as pessoas presentes.

⁶Essas reflexões serão apresentadas na seção de resultados e discussões.

Figura 1: Material de divulgação do curso.

**CURSO DE
COMUNICAÇÃO POPULAR**
desvendando estratégias comunicacionais

A UMM-SP convida a todas e todos seus membros a participarem do curso "Comunicação Popular: desvendando estratégias comunicacionais". O curso é gratuito e tem como objetivo discutir sobre estratégias de comunicação popular a partir das demandas e necessidades dos movimentos filiados à UMM.

Além disso, ao longo das aulas, as/os participantes poderão escolher uma das ferramentas comunicacionais para se aprofundarem e experimentarem na produção de conteúdo.

As atividades acontecerão uma vez por mês, aos sábados de manhã, em formato presencial (das 9h as 13h), no Centro Pastoral São José Av. Alvaro Ramos, 366 - Metrô Belém.

Inscrições até 11/jul:



UNIÃO DOS MOVIMENTOS DE MORADIA SÃO PAULO | **Lab Juta** | **iied**

DATAS DAS OFICINAS

22/7 Papel da comunicação na luta popular

19/8 Mídia comercial e a luta por moradia

23/9 Redes sociais e mídias alternativas

21/10 Experiências de comunicação popular

25/11 Formação do Coletivo de Comunicação da UMM

16/12 Apresentação dos trabalhos e encerramento

OFICINAS DE VIDEO - TEXTO - PODCAST - CARD - CARTOGRAFIA SOCIAL

Os temas selecionados foram: “O papel da comunicação na luta popular”, ministrado pela jornalista Marilu Cabanes; “Mídia comercial e a luta por moradia”, com facilitação da jornalista Laura Capriglione; “Redes sociais e mídias alternativas”, com apresentação da jornalista e pesquisadora Gisele Brito; “Experiências de comunicação popular”, ministradas pelo jornalista periférico Thiago Borges (PEM); e “Sujeitos periféricos e a produção de contra-narrativas”, com exposição de Tiaraju D’Andrea.

O último encontro do curso, realizado em dezembro, foi dedicado à apresentação dos trabalhos elaborados pelos grupos e, portanto, não contou com exposição teórica.

Ao final desta etapa, foi organizado um breve intervalo, com um café da manhã coletivo previamente organizado e, após isso, iniciava-se o segundo momento, que ocorria entre 11h e 13h, totalizando uma carga horária de quatro horas por atividade. Na segunda parte da atividade, acontecia a parte prática. Nela, os participantes dividiam-se em quatro grupos, cada um dos quais trabalharia, até o final do curso, com uma ferramenta de comunicação. Conforme divulgado no card inicial, exposto na Figura 1, as ferramentas eram: produção de vídeo, produção de texto, podcast, produção visual (cards e afins) e, por fim, estratégias

de cartografia social. Essa última foi cancelada por algumas razões, dentre elas as limitações técnicas para desenvolver atividades de cartografia social apenas por meio do celular dos participantes.

A opção por trabalhar tais ferramentas a partir do celular se deu por ser a ferramenta à qual a maioria dos participantes do curso tinha acesso, ainda que com variados níveis de aprofundamento e dificuldades. O uso de computador, seja desktop ou notebook, ainda é bastante limitado, tendo em vista o público do curso. Por essa razão, optou-se por trabalhar todas as ferramentas a partir de aplicativos disponíveis para celular. Essa escolha também apresenta suas limitações, como, por exemplo, a falta de acesso à internet e a pacotes de dados móveis, ou até mesmo o uso de celulares sem capacidade ou espaço para instalação de aplicativos. Sempre que possível, essas limitações foram comunicadas aos facilitadores de cada ferramenta, para que fosse possível lidar com elas no planejamento das atividades e na escolha dos aplicativos e ferramentas que serviriam de base para o curso.

Na organização da etapa prática, optou-se por dividir os participantes com base em seus interesses pessoais e comunitários, formando quatro grupos, sendo que cada um deles se aprofundaria, até o final do curso,

nas ferramentas escolhidas (áudio, vídeo, texto e produção de imagens). Sendo assim, cada participante permaneceu, do início ao fim, desenvolvendo atividades práticas de formação em uma única ferramenta.

Uma das questões metodológicas priorizadas nesta etapa foi garantir que, mesmo trabalhando com diferentes ferramentas, todos os grupos passassem por quatro momentos: roteirização, produção, edição e divulgação, adaptados às especificidades de cada linguagem.

Por exemplo, na oficina de produção de imagens, a primeira atividade — voltada à etapa de roteirização — consistiu em uma discussão conduzida pela facilitadora sobre o que cada participante gostaria de comunicar, bem como os símbolos, cores e outros elementos que poderiam compor a mensagem. Assim, ainda que em diferentes ferramentas, todos os participantes puderam se aprofundar na organização da mensagem, sua produção, edição e disseminação.

Para o registro das oficinas, foram elaboradas relatorias pela equipe, além de registros em vídeo de partes das aulas, trabalhos em grupo, materiais produzidos e apresentações dos resultados finais, bem como registros fotográficos de todo o processo.

A própria metodologia desenvolvida para o curso e as oficinas, ao prever o desenvolvimento de produtos pelos grupos de participantes do curso, também funcionou como uma forma de registro, viabilizada pelo próprio processo de produção realizado ao longo das atividades, e que culminou nos produtos e apresentações finais.

Entre os desafios encontrados, destaca-se a ausência de uma sistemática plenamente estabelecida de registro, uma vez que a equipe de organização concentrou-se, em geral, no planejamento, execução e viabilização do curso — o que envolvia o contato e a presença dos facilitadores, a limpeza e organização do espaço, a disponibilidade de materiais e equipamentos adequados, a oferta de café e lanche, bem como a implementação de sistemáticas de monitoramento, acompanhamento e avaliação das atividades, tanto por parte dos participantes quanto dos docentes responsáveis pelas oficinas.

Neste sentido, a sistemática de registro se apresentou como uma atividade importante, porém secundária, diante das prioridades relacionadas à execução das tarefas do curso.

Também se considera que manter a presença, o interesse, a assiduidade e a pontualidade dos participantes em uma atividade com duração de vários meses representa um dos principais desafios em cursos gratuitos desse gênero. O fenômeno da evasão de participantes do curso é comum, conhecido e desafiador. Apesar disso, observou-se que a evasão, neste caso, ocorreu em níveis bastante baixos — em nossa avaliação, sobretudo devido à organização prévia dos participantes em associações de moradores, grupos de base e coletivos, todos vinculados ao movimento popular, no caso, à União dos Movimentos de Moradia.

A título de comparação, a taxa de evasão ao longo deste curso foi inferior àquela observada em outros projetos do LabJuta, como o Vídeo Poste.

Figura 2: Registro de atividade teórica do curso.



Fonte: Acervo próprio.

Um outro desafio para a implementação da metodologia do curso foram as diferenças intergeracionais, especialmente no que diz respeito ao domínio do uso do celular como ferramenta para a produção das atividades práticas. Se, por um lado, foi possível contornar dificuldades relacionadas ao acesso à internet e ao download de aplicativos compatíveis com os celulares dos participantes, por outro lado, evidenciaram-se os desafios enfrentados por pessoas idosas no manuseio de aplicativos de edição. Conforme observado na Figura 3, cerca de metade dos participantes respondentes tinham 60 anos ou mais.

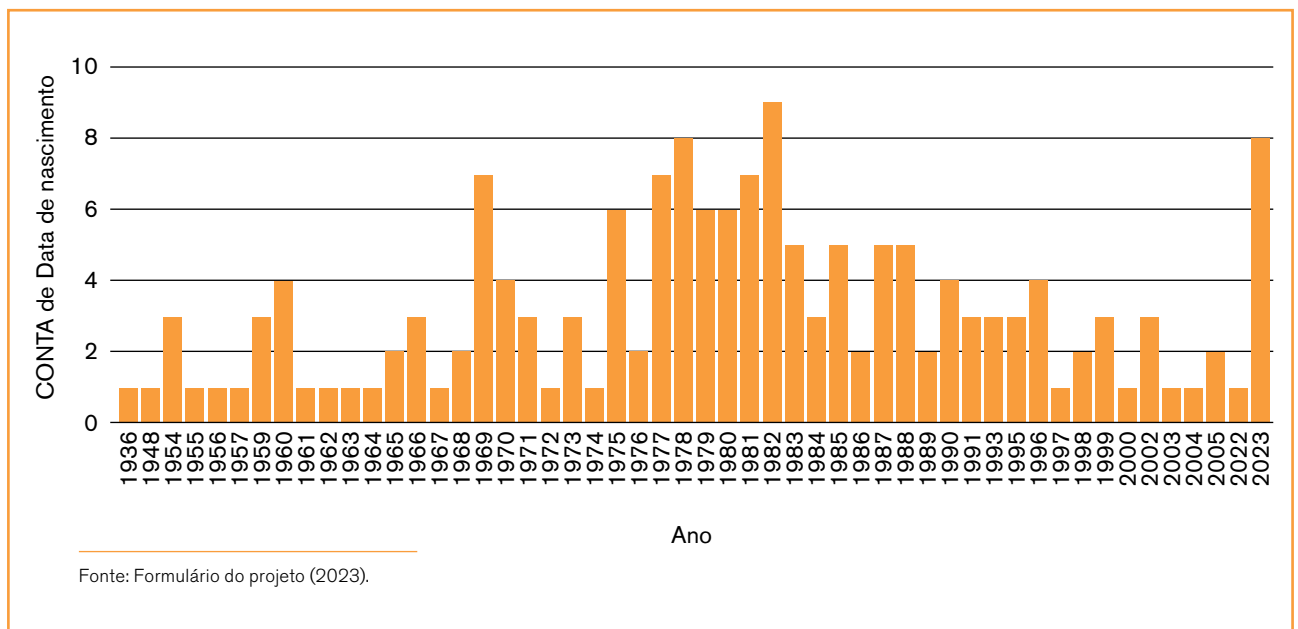
O aplicativo de edição de imagens foi o que mais favoreceu a participação de pessoas idosas na produção de peças comunicacionais. Já os aplicativos necessários para a produção de áudio (podcasts)

mostraram-se os mais complexos para serem utilizados na prática, inclusive do ponto de vista dos facilitadores, que também enfrentaram dificuldades para manusear os equipamentos necessários.

Ainda assim, considerando que os participantes tiveram aulas sobre roteiro e produção, foi possível apresentar um produto final: um podcast ao vivo⁷ transmitido na página do Instagram da UMM-SP, no qual os cursistas entrevistaram algumas pessoas presentes na atividade de encerramento.

Cabe destacar, ainda, que a oficina de produção de imagens foi a que registrou o maior número de interessados, seguida pelas oficinas de produção de textos e de audiovisual.

Figura 3: Distribuição etária dos participantes por ano de nascimento.⁸



⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/tv/C06s1ZCuV21/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA== e https://www.instagram.com/reel/C07T7SMvdh5/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA== Acesso em 23 set. 24.

⁸ Nota-se que há 10 pessoas que responderam terem nascido nos anos de 2022 e 2023, sendo portanto um erro de preenchimento.

3

Resultados e discussão

A — Compreendendo capacidades, métodos e táticas

As organizações populares de luta por moradia, particularmente aquelas ligadas à UMM-SP, têm um histórico de uso de ferramentas, métodos e táticas de comunicação desenvolvido de forma bastante empírica, a partir das necessidades cotidianas de organização da comunicação com sua própria base e público, com parceiros e parceiras do campo popular, técnico ou acadêmico e, de forma mais eventual, com a sociedade de maneira mais ampla e potente.

As ferramentas utilizadas convencionalmente, particularmente antes do advento e do predomínio das redes sociais viabilizadas pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), incluíam a elaboração, edição e disseminação de boletins, panfletos, folders, jornais impressos, rádios comunitárias e outras mídias características da era analógica da comunicação popular.

Os padrões de uso de estratégias, táticas e ferramentas de comunicação são influenciados pela disponibilidade tecnológica de cada período, pelo custo de acesso às ferramentas, pelo conhecimento necessário para seu uso, bem como pela facilidade de produção, disseminação e recepção/interação com as notícias e informações. Além dessas características, um dado muito relevante refere-se às diferenças intergeracionais observadas entre os diferentes públicos do movimento de moradia ao longo do tempo, conforme mencionado anteriormente.

Desde os primórdios das primeiras lutas e conquistas relativas ao direito à moradia, por parte da UMM-SP, nos anos 1980 e 1990, as formas e estratégias predominantes de comunicação eram essencialmente analógicas. Essas práticas tinham no papel impresso, na reprodução por fotocópias (xerox) ou em gráficas, suas principais formas de materialização. Como mencionado anteriormente, boletins, jornais, folders, panfletos, cartazes e outros materiais similares eram os meios predominantes.

Em uma das primeiras atividades conjuntas entre a UMM-SP, o LabJuta e o IIED, foi possível acessar os primeiros jornais produzidos pelo movimento de moradia, datados de 1988.

O advento da internet, das redes sociais e de uma multiplicidade de aplicativos e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) permitiu uma expansão significativa das estratégias e ferramentas comunicacionais. Os movimentos de moradia, em geral, e as associações e grupos ligados à UMM-SP, em particular, passaram a adotar sites, blogs, e-mail, WhatsApp, páginas no YouTube, Facebook, Instagram, entre outros canais e plataformas, para fins de comunicação, formação e mobilização.

Ainda assim, as respostas do formulário aplicado pela equipe do projeto indicam que 84% dos respondentes se informam sobre moradia exclusivamente por meio de assembleias, reuniões e atividades do movimento. Apesar do crescente esforço da coordenação em ampliar o alcance e o engajamento da UMM-SP nas redes sociais, cerca de 60% dos respondentes apontam o jornal impresso como principal canal de comunicação do movimento. A página da UMM-SP

no Facebook aparece em segundo lugar, empatada com os textos veiculados por meio do aplicativo WhatsApp. Esses números indicam que, ainda que se reconheça a importância dos canais oficiais nas redes sociais, o jornal impresso continua sendo um meio de comunicação confiável e de grande relevância para os militantes.

Podemos dizer que, do ponto de vista da comunicação interna — entre os integrantes dos grupos de base, entre lideranças e entre lideranças e grupos de base —, a tecnologia e o aplicativo mais utilizados atualmente são o WhatsApp. Sem dúvidas, o WhatsApp é a principal ferramenta no trabalho cotidiano dos integrantes dos movimentos, especialmente para fins internos de comunicação, organização, planejamento, articulação e execução de tarefas.

Este aplicativo é amplamente dominado pela maioria dos integrantes dos movimentos, abrangendo praticamente todos os grupos geracionais. Talvez por essa razão os grupos práticos voltados às ferramentas de produção de textos e de cards — recursos amplamente utilizados nessa plataforma — tenham sido os mais procurados e os que apresentaram maior produção ao longo do curso.

A oficina de produção de cards e panfletos foi a que gerou o maior número de produtos ao longo do curso. A atividade organizou-se em duas etapas: a discussão sobre design e priorização das informações incluídas em cada layout, e a utilização da ferramenta escolhida, o aplicativo Canva. O aplicativo é relativamente leve e, mesmo em sua versão gratuita, oferece diversos modelos pré-formatados, nos quais a pessoa usuária pode simplesmente adaptar as informações específicas de sua mensagem.

A usabilidade do aplicativo e a importância dos cards na comunicação dos movimentos fizeram com que, rapidamente, os participantes começassem a produzir cards não apenas para a mobilização interna dos movimentos, mas também para uso pessoal. Por exemplo, logo nas primeiras atividades, multiplicaram-se no canal do curso cards produzidos pelos participantes tanto para convidar pessoas e divulgar informações dos movimentos quanto para promover serviços e produtos próprios.

A facilitadora da oficina, a jornalista Joana Brasileiro, atendendo a pedidos dos participantes, elaborou um tutorial para a produção de cards, que foi compartilhado no grupo e que, mesmo um ano depois, continua sendo solicitado e utilizado pelas pessoas que participaram do curso. Inclusive, participantes de outras oficinas também demonstraram interesse e solicitaram o material para utilizá-lo em seus próprios contextos.

Portanto, em relação às funções da comunicação identificadas previamente, observou-se que, na produção de cards, houve uma resposta rápida quanto à apropriação dessa ferramenta para mobilizar, difundir e, conseqüentemente, fortalecer as atividades internas dos movimentos que compõem a UMM-SP.

Não se observou o mesmo impacto com outras linguagens, como os podcasts e vídeos. Isso pode estar relacionado não apenas ao maior grau de complexidade dessas produções, mas também ao tempo necessário para sua elaboração, geralmente voltado ao público externo.

Ao longo do curso, foi produzido um vídeo curto — veiculado nas redes da UMM-SP, do LabJuta e do Periferia em Movimento — e um podcast em vídeo. Ambos tiveram bom alcance, mas não se desdobraram em novas produções.

Alguns meses após o término do curso, foi iniciada a produção de dois vídeos, a pedido e em colaboração com outros projetos do IIED, como o “Housing Justice”. Nesse momento, buscou-se mobilizar os participantes do curso com o objetivo de integrá-los e fortalecer o Grupo de Trabalho (GT) de Comunicação da UMM-SP, conforme previsto inicialmente.

Houve retorno positivo e colaboração por parte dos participantes, especialmente na captação de imagens e no envio de material bruto, tarefas que dialogam diretamente com os conteúdos abordados ao longo do curso. No entanto, a edição dos vídeos ficou sob responsabilidade da profissional que já atua com essa função no movimento.

Trata-se, portanto, de uma atividade com nível elevado de complexidade, que poderia ser mais explorada em ações futuras, considerando a abertura demonstrada pelos participantes para colaborar com esse tipo de tarefa.

Do ponto de vista das comunicações formais e institucionais, o e-mail ainda se apresenta como uma ferramenta relevante, especialmente para comunicações de natureza formal, administrativa e burocrática. Seu uso é exigido em interações com instituições como governos, poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, além de outras entidades e organizações não governamentais, particularmente na gestão de convênios, contratos, transações e demais processos oficiais.

Para estratégias de comunicação voltadas aos públicos internos — mas também, e principalmente, a grupos mais amplos, incluindo parceiros e a sociedade em geral (além da chamada “bolha”) —, outras redes sociais têm sido amplamente utilizadas. O Facebook e

o Instagram se destacam como plataformas relevantes para a difusão e divulgação das ações do movimento e dos grupos de base, com um diferencial importante do ponto de vista geracional. Observa-se uma leve distinção etária entre os públicos que acessam o Instagram e aqueles que acompanham o Facebook da UMM-SP.

A pesquisa realizada com integrantes da base do movimento, com 73 respondentes, mostrou que uma parcela significativa acessa o site da UMM-SP: 56,2% dos entrevistados, enquanto 43,8% declararam não acessá-lo. A maioria dos respondentes (41 de 71) acessava e seguia a página da UMM-SP no Facebook, enquanto 31 de 71 seguiam o perfil no Instagram. Por outro lado, cerca de 29 dos 71 respondentes declararam que se informavam exclusivamente por meio da leitura de textos da UMM-SP enviados via WhatsApp.

Esses dados reforçam a importância da produção de textos informativos pela UMM-SP, não apenas para organizar, mobilizar e informar sua base, mas também para alcançar o público externo. Além disso, oferecem indícios do porquê a oficina de produção textual foi uma das mais procuradas pelos participantes do curso.

O conjunto de processos formativos e educacionais desenvolvidos permitiu levantar um material bastante rico para reflexão, associado ao uso de diferentes linguagens, estratégias e ferramentas de comunicação, e à sua relação com a luta por moradia.

Primeiramente, destaca-se a constatação de que as diferenças geracionais presentes dentro do movimento social têm impacto direto na familiaridade e desenvoltura no uso de aplicativos, plataformas e

tecnologias. Observa-se uma clara vantagem entre os participantes mais jovens, enquanto os grupos mais maduros e idosos enfrentam maiores dificuldades nesse manuseio.

Por outro lado, o próprio processo de produção realizado pelos grupos evidenciou que todos os perfis geracionais podem aprender a utilizar as tecnologias, especialmente quando há colaboração entre jovens, adultos e pessoas idosas. Isso se torna ainda mais relevante diante das habilidades diversas entre os participantes, conforme mencionado anteriormente.

Quando, por exemplo, havia a necessidade de uso do celular, observou-se que características dos aparelhos, como capacidade de memória, tipo de plano de dados, geração da placa-mãe, entre outros fatores, influenciam diretamente no desempenho e na viabilidade de realizar determinadas operações.

Ainda que houvesse uma opção metodológica por utilizar os celulares dos próprios participantes para realizar todas as atividades — permitindo que pudessem reproduzir essas experiências em seus movimentos —, ficou evidente a limitação imposta pela ausência de aparelhos mais adequados para a captação e edição de material bruto.

Essa situação remete, direta ou indiretamente, à reflexão sobre o custo dos equipamentos e serviços, e, conseqüentemente, sobre o recorte de classe social que define o acesso à tecnologia. Reforça-se, assim, a necessidade de políticas públicas subsidiadas para a inclusão tecnológica e comunicacional da população de baixa renda em nosso país, incluindo os grupos sem-teto.

Figura 4: Oficina de produção de textos em atendimento com os facilitadores.



Fonte: Acervo próprio (2023).

Um aspecto interessante é que, embora os jovens, via de regra, tenham mais facilidade, conhecimento e habilidade no uso das tecnologias, a dinâmica de produção de peças de comunicação, em mais de um grupo, envolveu o diálogo ou até mesmo a realização de entrevistas com pessoas mais experientes, com histórico de participação nas lutas do movimento de moradia.

Esse dado é particularmente relevante, pois evidencia que, nos grupos onde eventualmente há menor domínio tecnológico, há, em contrapartida, acúmulo de experiência, memória e histórias — ingredientes fundamentais para a produção de materiais comunicacionais com maior profundidade e densidade narrativa, como documentários, materiais formativos, conteúdos de difusão, entre outros.

Um aprendizado importante refere-se à percepção clara da centralidade da comunicação nas estratégias de resistência, luta, formação e construção de conquistas. Preparar-se para qualificar os processos comunicacionais — internos, entre comunidades, entre comunidades e parceiros, e com a sociedade em geral — equivale a preparar-se para lutar com mais eficácia pelo direito à moradia, ao espaço urbano e aos demais direitos humanos e de cidadania.

Nota-se, ainda, que diante de uma realidade cada vez mais complexa e desafiadora — marcada por múltiplas crises setoriais, locais e globais —, a luta pelos direitos exige uma atuação pautada em estratégias diversas, que envolvem incidência e articulação junto aos parlamentos, operadores do direito, poderes executivos, universidades, entidades não governamentais, outros movimentos, coletivos e parceiros.

Algumas lideranças, por exemplo, têm demonstrado uma capacidade peculiar de mobilizar redes, sujeitos e agentes de forma concatenada, síncrona e estratégica

em defesa do direito à moradia e na resistência às ameaças de despejo — uma atuação que remete à ideia de “ator-rede”, conforme proposta por Bruno Latour (LATOURE, 2008).

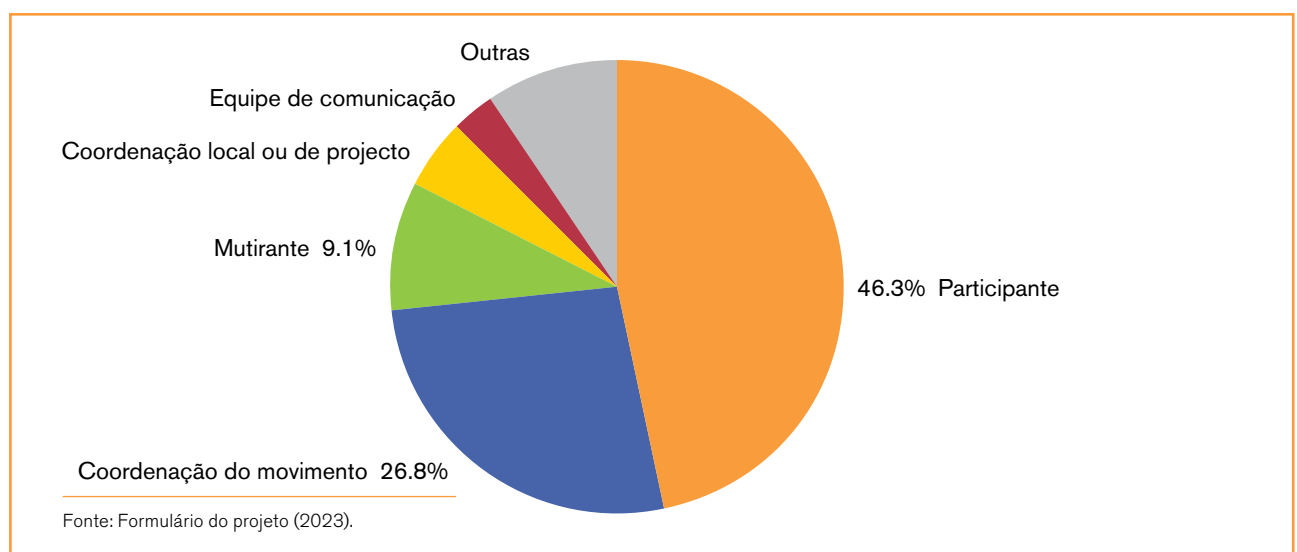
Certamente, esse tipo de atuação pressupõe, além de outras competências e habilidades, a capacidade de formular e implementar estratégias de incidência e articulação junto a diferentes atores, com o objetivo de fortalecer grupos vulnerabilizados diante das ameaças impostas por interesses poderosos no sistema capitalista contemporâneo.

Por fim, observa-se que as pessoas que integram a base dos movimentos formam um espectro amplo e bastante heterogêneo, o que exige cautela tanto nas análises quanto na formulação de propostas e perspectivas de atuação. De acordo com o formulário aplicado pela equipe, cerca de 46% dos participantes do curso pertencem ao grupo de base da UMM-SP, enquanto 26% ocupam funções de coordenação nos movimentos.

Essas distinções ficaram evidentes, por exemplo, no grupo que trabalhou com produção audiovisual, no qual havia uma heterogeneidade considerável não apenas em termos de faixa etária, mas também quanto ao tempo de participação no movimento, às funções exercidas e às regiões de origem e atuação dos participantes.

A título de exemplo, podemos citar o vídeo produzido pelo grupo. Se, no início, havia o desejo de apresentar a experiência de cada movimento territorializado, bem como o percurso individual de cada participante no movimento, ao final — após algumas discussões entre a equipe de facilitação e os participantes —, chegou-se a um roteiro que envolvia a escuta e o registro de uma das lideranças mais antigas em diálogo com os integrantes mais jovens e recém-chegados ao movimento.

Figura 5: Função no movimento.



Constata-se, na base do movimento, a presença de integrantes mais idosos, que enfrentam maiores dificuldades no uso de ferramentas digitais de comunicação, assim como de participantes com ampla familiaridade e facilidade no manuseio desses sistemas.

Durante as oficinas, chamou a atenção o interesse dos participantes pelas atividades de produção de texto — tema que, inicialmente, se imaginava ter pouco apelo e menor adesão. Diversas lideranças, inclusive, demonstraram engajamento e se dedicaram de forma decidida ao aperfeiçoamento de suas capacidades de comunicação por meio da escrita.

Vários participantes mencionaram o desejo de atuar não apenas nas redes digitais, mas também em jornais impressos das comunidades e do próprio movimento. Esse interesse está alinhado ao fato de que o jornal impresso ainda é considerado um meio importante e confiável de acesso à informação — especialmente no que se refere à questão da moradia, entre os militantes dos movimentos.

Observa-se que o jornal impresso talvez seja a estratégia comunicacional mais consolidada e bem definida do movimento, tendo como objetivo principal informar a base sobre questões internas e, com isso, mobilizar, fortalecer e difundir suas pautas. Trata-se de uma ferramenta com um público-alvo claro — os próprios integrantes da base — e, não por acaso, é uma das mais acessadas pelos respondentes.

No que diz respeito às funções da comunicação identificadas inicialmente no projeto — mobilizar, fortalecer, difundir, denunciar, propor e implementar —, percebe-se que as atividades promovidas ao longo do curso foram fundamentais para o aprimoramento de cada uma delas. Ao identificar e estruturar estrategicamente as informações que deveriam ser evidenciadas, tornou-se possível aprimorar essas funções e direcionar com mais assertividade as estratégias de disseminação.

Esse processo também foi favorecido pela decisão de que todos os grupos práticos estudassem as etapas de criação de roteiro, produção e divulgação dos materiais desenvolvidos.

Além disso, as discussões sobre a disseminação das peças comunicacionais dialogam com a reflexão sobre o público-alvo de cada mensagem — seja ele interno ao movimento, externo, composto por aliados ou pelos poderes políticos —, conforme apontado pela coordenação.

O vídeo produzido pelo grupo, por exemplo, foi direcionado ao “povo não mobilizado”, com o objetivo de registrar, ilustrar e legitimar a importância da luta por moradia. O material também se dirige aos novos integrantes do movimento, ao demonstrar que, apesar das dificuldades, existem possibilidades concretas de conquista da moradia digna.

Figura 6: Participantes da oficina de produção de vídeo em preparo para entrevista à uma liderança veterana da UMM-SP.



Fonte: Acervo próprio (2023).

No que diz respeito às atividades e discussões teóricas, um dos principais temas abordados foi a produção de comunicação sob a perspectiva periférica. Esse tema foi amplamente debatido pela pesquisadora e jornalista Gisele Brito, do Instituto de Referência Negra Peregum, e pelo jornalista Thiago Borges, do coletivo Periferia em Movimento — ambos com longa trajetória no jornalismo periférico. Trouxeram contribuições teóricas e práticas que evidenciam o quanto é fundamental a produção de informações e, conseqüentemente, de narrativas negras e periféricas.

Esses debates, ainda que atravessados por limitações e condições precárias, contribuíram para que os participantes compreendessem a relevância da comunicação popular na luta por moradia, reconhecendo-se como sujeitos portadores de histórias que, na maioria das vezes, não encontram eco nos grandes meios de comunicação.

B — Lidando com restrições e limites

São diversos os desafios enfrentados pelos movimentos populares quando buscam se comunicar em contextos políticos de exclusão. Entre eles, destacam-se: a exclusão digital de parcelas das comunidades periféricas e populares — especialmente no que se refere ao acesso a aparelhos celulares e aos serviços de internet e telefonia; a dificuldade de leitura fluente da língua portuguesa por parte de alguns integrantes; a heterogeneidade dos grupos de base e dos participantes; a proliferação de fake news (notícias falsas) e a dificuldade de reconhecê-las como tal e de reconstruir ou reposicionar o debate com base em informações corretas.

Além disso, é importante considerar que, em um ambiente de disputas profundamente desiguais, produzir informações de interesse popular significa enfrentar desafios estruturais em um cenário marcado por desigualdade e injustiça, o que, por si só, já representa um embate significativo.

As redes digitais⁹ representam uma oportunidade relevante para a incidência comunicacional, pois independem de recursos vultosos para impressão e distribuição de jornais e outros materiais escritos, bem como do acesso aos meios de comunicação convencionais — em sua maioria, dominados pela elite e por famílias tradicionais em um país como o Brasil.

Ainda assim, essas mesmas redes são mediadas por algoritmos que favorecem o discurso dominante, podendo tanto alavancar quanto invisibilizar determinadas pautas ou temas. Cabe ressaltar que as redes sociais são controladas por grandes empresas — em sua maioria bilionárias — que atuam em consonância com os interesses de agentes financeiros globais.

Dessa forma, embora a produção e divulgação de conteúdo nas redes pareça inicialmente mais acessível, isso não garante sua amplificação algorítmica nas plataformas.

Entretanto, para operar essas ferramentas, é necessário ter conhecimento, acesso à informação, algum recurso técnico e disponibilidade de tempo por parte de grupos e coletivos, organizados em redes mais ou menos estruturadas. A produção de vídeos curtos, documentários, podcasts, postagens e memes, por exemplo, exige competências específicas, por um lado, mas também apresenta potencial para incidir sobre públicos “fora da bolha”, o que representa um fenômeno relativamente recente.

Nesse sentido, a participação no curso, por um lado, permitiu o contato sistemático com métodos e conhecimentos voltados à operação de sistemas tecnológicos e comunicacionais, com o objetivo de qualificar a comunicação social e popular, tanto no interior quanto para além dos grupos de base e do movimento.

Por outro lado, desenvolveu-se também uma atmosfera de discussão sobre o ambiente social, político, econômico e urbano, suscitando reflexões sobre a necessidade de aperfeiçoar a capacidade de “ler o mundo”, de ler a realidade e a cidade (FREIRE, 1999).

É inegável que a disputa para “furar a bolha”¹⁰ ocorre também no âmbito dos ambientes digitais — ou nas chamadas redes sociais digitais — e, portanto, está sujeita às regras de algoritmos que são privados e concentrados nas mãos de poucos conglomerados da comunicação, como é o caso da Meta (empresa proprietária do Facebook e do Instagram, principais plataformas utilizadas pela UMM-SP).

Sendo assim, não basta apenas produzir peças comunicacionais; é necessário criar conteúdos que sejam atrativos para os algoritmos, adequando-se às suas métricas e, conseqüentemente, às lógicas das respectivas plataformas. Por isso, compreender os algoritmos — assim como identificar formas de contorná-los — torna-se um conhecimento fundamental para cumprir as funções da comunicação apontadas pelo movimento.

Nesse sentido, a estratégia adotada pela UMM-SP foi identificar e monitorar as postagens com maior alcance, acompanhando-as ao longo do tempo a fim de interpretar os padrões de reação, alcance e engajamento que emergiam.

Não por acaso, observou-se que os posts com tom de denúncia apresentavam maior alcance, enquanto aqueles relacionados à política habitacional tinham menor visibilidade. O desafio, nesse contexto, consiste em compreender o funcionamento do algoritmo para atuar em consonância com ele, sem, no entanto, submeter-se exclusivamente às suas lógicas, de modo que a comunicação do movimento não se restrinja a responder às exigências da plataforma, o que comprometeria as múltiplas funções que ela busca cumprir.

Ainda que o movimento tenha se organizado para ampliar o alcance de sua comunicação, a temática da luta por moradia segue sem prioridade nos algoritmos. O lento crescimento no número de seguidores e no alcance das publicações indica que a maioria dos temas abordados pela UMM-SP não é favorecida pelas plataformas digitais.

⁹ Como Frei Betto prefere chamá-las.

¹⁰ A tentativa de “furar a bolha” é uma estratégia apresentada pela própria UMM-SP no início do projeto.

Nesse sentido, o curso contribuiu tanto para a compreensão das métricas das redes sociais quanto para a reflexão e experimentação de estratégias voltadas ao enfrentamento e à subversão de alguns dos seus algoritmos.

Uma das restrições apontadas pelos participantes ao final do curso foi a possibilidade de participação em apenas uma oficina prática. Houve grande demanda, por exemplo, pela oficina de produção de cards. Algumas pessoas sugeriram que, em futuras edições, fosse possível rodiziar entre as oficinas práticas, especialmente porque algumas delas são complementares — como a de produção de textos, que perpassa todas as demais.

Outro fator limitante observado ao final do curso foi a formação do Grupo de Trabalho (GT), que, apesar dos esforços da coordenação da UMM-SP, enfrentou dificuldades para se consolidar. Entre os possíveis motivos, destaca-se o fato de que o curso se encerrou em dezembro de 2024, período em que as atividades do movimento, bem como compromissos pessoais, costumam se intensificar. Além disso, os meses de janeiro e fevereiro que sucederam o término do curso correspondem a um momento de breve recesso e desaceleração, o que pode ter enfraquecido a continuidade da mobilização.

Por fim, cabe salientar que se trata de um público militante, envolvido em diversas pautas políticas urgentes, que já consomem boa parte de seu tempo. Portanto, é um público altamente demandado, com disponibilidade limitada para assumir novas funções.

C — Explorando oportunidades de influência e impacto

O projeto, de forma geral, e o curso, de forma específica, possibilitaram uma compreensão mais clara e explícita do enorme potencial que os meios de comunicação popular têm na transformação da realidade — seja por sua incidência junto aos grupos de base do movimento, seja por sua capacidade de alcançar atores e agentes situados além do círculo específico da luta por moradia e do direito à cidade, atingindo a sociedade de forma mais ampla.

Experiências recentes, articuladas a partir de um arco de alianças mais amplo, demonstraram que é possível incidir de forma relevante sobre a agenda política e jurídica quando se organiza uma rede de parceiros adequada e se aproveitam contextos específicos.

É o caso da Campanha Despejo Zero¹¹ – Em Defesa da Vida no Campo e na Cidade (CDZ), protagonizada por movimentos populares de moradia urbana e rural de todo o país, em aliança com diversas organizações não governamentais, acadêmicos e ativistas, durante o período da pandemia de Covid-19. A campanha teve como objetivo incidir sobre os tribunais — e de fato o fez, especialmente sobre o Supremo Tribunal Federal — além de buscar influenciar o Congresso Nacional.

Estima-se que a Campanha Despejo Zero tenha salvado milhares de vidas ao influenciar decisões relacionadas a remoções, despejos e reintegrações de posse que deixaram de ocorrer nos períodos mais críticos da pandemia de Covid-19 (GONSALES; COMARU, 2023).

A CDZ conseguiu, inclusive, aprovar uma lei no Congresso Nacional que suspendeu tais ações durante parte da pandemia, sendo que um aspecto fundamental de sua atuação foi a frente de comunicação e a divulgação de dados sobre os processos de remoção ocorridos nesse período.

O período de desenvolvimento do projeto coincidiu com o retorno de um representante do Partido dos Trabalhadores à presidência do Brasil — o presidente Luiz Inácio Lula da Silva — e com ele, a recriação do Ministério das Cidades, a criação da Secretaria Nacional das Periferias e a retomada do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), considerado um marco fundamental na produção de habitação social no país.

Além disso, foram lançados programas de investimento nas periferias urbanas, voltados à urbanização, regularização fundiária e prevenção e gestão de riscos, tanto em nível municipal quanto no âmbito das comunidades locais.

Essa conjuntura representou uma mudança significativa no cenário político do país como um todo. Nesse contexto, as comunidades populares e periféricas deixaram de atuar quase exclusivamente no campo da resistência aos desmontes das políticas públicas e às violações de direitos sociais, passando também a participar ativamente dos processos de debate, proposição e reconstrução de políticas, programas e projetos voltados à habitação social no Brasil. Com a retomada do PMCMV, por exemplo, comunidades periféricas, grupos de base e associações de organização dos sem-teto ligadas à UMM-SP retomaram um processo significativo de organização e mobilização, com o objetivo de participar das oportunidades de atendimento habitacional conquistadas por meio da luta.

¹¹ Ver em: <https://www.campanhadespejzero.org/>

Além disso, diversos conselhos setoriais representativos foram reativados, como o Conselho das Cidades, que voltou a contar com ampla participação dos movimentos populares. Esse conjunto de fatores demanda uma série de iniciativas de comunicação e formação, que se mostram fundamentais — com clara relevância para os participantes do curso, tanto no que diz respeito à capacitação e organização interna quanto à divulgação externa.

Certamente, ainda há muito a ser realizado e desenvolvido no que se refere à capilarização do trabalho de base da UMM, em sintonia com os grupos comunitários nos bairros da cidade de São Paulo. No entanto, o desenvolvimento do projeto — que incluiu estudos, aprendizados, pesquisas e a colaboração com colegas da Nigéria e do Reino Unido, além da realização do curso — representou um avanço importante tanto do ponto de vista qualitativo quanto em termos de alcance das estratégias comunicacionais.

Observa-se que as iniciativas de comunicação popular influenciam a formulação de decisões e políticas públicas, ao mesmo tempo em que também são por elas influenciadas.

Apesar de diversas iniciativas experimentais relevantes nos últimos anos, é possível inferir que o Brasil ainda carece de meios de comunicação de massa mais potentes e capilares, com uma linha editorial claramente orientada por valores progressistas e por uma leitura popular da realidade nacional.¹²

Embora não se esperasse que o curso contribuísse diretamente para suprir essa lacuna, ele teve um papel importante ao promover reflexões entre os participantes sobre a produção de comunicação e a ausência de representatividade dos setores populares nos canais da mídia hegemônica.

Além disso, os meios de comunicação progressistas existentes, em geral, não têm priorizado a pauta urbana, tampouco a questão da moradia popular sob o ponto de vista dos movimentos populares de luta pela habitação.

Essa lacuna configura, portanto, uma agenda de médio prazo para os setores populares e periféricos do país, que devem refletir sobre a importância de avançar no uso de ferramentas, tecnologias, coletivos e organizações com capacidade de produzir e disseminar informações relevantes sobre as lutas urbanas e por moradia no Brasil — especialmente em um contexto de crise climática, que afeta diretamente as cidades.

Ao longo do curso, foi possível perceber que, apesar da participação considerável dos militantes durante praticamente todo o seu período de duração, ainda é necessário que haja uma estrutura mais robusta para liberar integrantes que possam contribuir de forma efetiva com a frente de comunicação da UMM-SP.

Isso se deve ao fato de que muitos participantes do curso já se encontram sobrecarregados pelas múltiplas frentes de atuação dos movimentos — seja nos mutirões, nos conselhos, em ações de rua ou em outras atividades que ocorrem simultaneamente.

Para que o Grupo de Trabalho (GT) de Comunicação se consolide e alcance uma atuação estratégica condizente com sua importância, é fundamental que as pessoas designadas para essa função estejam devidamente liberadas.

Essa liberação não se refere apenas à produção de peças comunicacionais, como as abordadas no curso, mas também à produção e divulgação estratégica de dados (como na experiência da Campanha Despejo Zero), bem como ao exercício de assessoria comunicacional, com o objetivo de inserir o movimento em canais de maior alcance e disputar narrativas junto a um público mais amplo.

¹² Alguns esforços importantes vêm sendo realizados por grupos de ativistas da comunicação que lograram resultados na criação e manutenção de coletivos como: Rede TVT, jornal Brasil de Fato, Le Monde Diplomatique Brasil, Revista Carta Capital, Revista Piauí, entre outras iniciativas. Cabe destaque para o Canal Público TV Brasil ligado à EBC - Empresa Brasileira de Comunicação.

4

Conclusões

Trabalhos como o relatado neste documento costumam evidenciar avanços de curto prazo, que, em geral, não são difíceis de identificar.

Além disso, também geram resultados mais amplos, que frequentemente se articulam a outras iniciativas em curso, criando as condições necessárias para avanços mais significativos e transformações estruturais no médio e longo prazo.

Do ponto de vista da incidência do tema da comunicação popular no interior da UMM-SP e entre as comunidades e grupos de base a ela vinculados, consideramos que o projeto foi altamente bem-sucedido.

Promoveu uma intensa mobilização em torno da temática, qualificou um número expressivo de participantes e viabilizou a criação de um Grupo de Trabalho dentro do movimento — ainda que este enfrente dificuldades, trata-se de um espaço inédito para discutir estratégias de comunicação popular.

Trata-se, portanto, de um avanço em curso que, assim como outras frentes de atuação do movimento, demanda apoio para sua consolidação. Foi notável o entusiasmo gerado ao longo do processo, fruto de uma energia coletiva construída entre os diversos militantes envolvidos no projeto.

Mesmo considerando o sucesso do processo realizado, é possível afirmar que as especificidades dos diferentes grupos no interior da UMM-SP podem ser trabalhadas de forma mais direcionada em iniciativas futuras.

Há, por exemplo, grupos atuantes nas zonas leste, sul, sudoeste e oeste, além de movimentos ligados a favelas, ocupações e à população sem teto na região central, todos com particularidades que merecem aprofundamento em ações futuras.

Adicionalmente, observou-se que é viável desenvolver estratégias de comunicação a partir dos próprios limites identificados ao longo do curso — como, por exemplo, as questões geracionais.

A participação no Grupo de Trabalho (GT) não exige que todas as pessoas dominem aplicativos ou ferramentas de edição; aquelas com menor familiaridade tecnológica podem contribuir em outras etapas, como na elaboração de roteiros, nas gravações ou mesmo como fontes de material bruto, como ocorreu na oficina de vídeo.

Além disso, os desafios relacionados à comunicação diante da complexidade das fake news certamente exigirão enfrentamento e aprofundamento em diversos âmbitos da sociedade — inclusive entre os segmentos populares organizados em torno da luta por moradia.

Ao longo do curso, foi possível perceber que a disseminação de informações falsas ocorre também nas bases dos movimentos, o que reforça a necessidade de abordá-las de forma mais estruturada em futuras iniciativas formativas.

É importante reiterar a necessidade de construir uma referência em comunicação voltada aos grupos de sem-teto, sob a perspectiva das mídias progressistas e de esquerda — um campo que ainda carece de debate e desenvolvimento.

Sabe-se que algumas lideranças, inclusive da própria UMM-SP, vêm se consolidando como referências, especialmente no âmbito da mídia alternativa, ao atuarem na confirmação e explicação de informações sobre políticas habitacionais.

No entanto, a criação de um espaço estruturado e reconhecido para a produção e divulgação de dados sobre a política habitacional — nos moldes do que foi realizado pela Campanha Despejo Zero durante a pandemia — ainda representa um objetivo a ser alcançado.

Tal iniciativa poderia ser viabilizada de forma colaborativa, reunindo diversos atores que já produzem esse tipo de informação, ainda que de forma dispersa ou isolada.

A professora Ermínia Maricato nos alerta, há anos, sobre a tarefa urgente e histórica de enfrentar o analfabetismo urbanístico.¹³

De fato, as campanhas para as eleições municipais deste ano no Brasil têm evidenciado, por meio das falas de candidatos a prefeito e a vereador, um nível preocupante de despolitização, violência e desconhecimento sobre os problemas urbanos e suas possíveis formas de enfrentamento.

Em recente debate promovido pelo professor Sérgio Amadeu na Central dos Movimentos Populares (CMP) — parceira da UMM-SP — sobre Inteligência Artificial¹⁴ e Comunicação Popular, discutiu-se amplamente a importância estratégica, em nível nacional, do engajamento dos movimentos populares na luta pela soberania digital do país, bem como o enfrentamento da alienação e do analfabetismo digital, ainda fortemente presente em países como o Brasil.

O período recente de apagão das políticas públicas sociais e urbanas, agravado pela pandemia da Covid-19, deixou traumas, sequelas e demandas que ainda levarão tempo para serem plenamente enfrentadas e superadas.

Apesar do governo negacionista, que liderou um projeto genocida contra a população vulnerabilizada do país, os movimentos sociais exerceram intensamente a solidariedade e, em parceria com coletivos, universidades, ONGs e parceiros internacionais, contribuíram para salvar muitas vidas.

O governo democrático do presidente Lula e a agenda progressista do país enfrentam diversas guerras e desafios relevantes, diante do avanço de um movimento ultraconservador que também ganha destaque em vários países do mundo.

Entre essas disputas, destacam-se aquelas ligadas à batalha por narrativas e às disputas no campo cognitivo.

Apesar de contarmos com um governo liderado por um partido progressista, os ataques à democracia e às políticas públicas sociais continuam a todo vapor.

Apesar de mais de 80% dos brasileiros residirem nas cidades, a pauta urbana ainda não tem sido considerada prioritária no país.

E os movimentos populares, mesmo exercendo um papel essencial na defesa da democracia e na construção de cidades mais sustentáveis, justas e resilientes, tampouco têm conquistado visibilidade — seja em relação à dignidade de sua luta, seja em relação ao seu papel, parafraseando Ailton Krenak (2020), de propor ideias e ações para adiar o fim do mundo.

¹³ Ver em: https://www.labhab.fau.usp.br/wp-content/uploads/2018/01/maricato_analfabetismourbano.pdf

¹⁴ PASQUINELLI, Matteo; JOLER, Vladan. O manifesto Nooscópio: Inteligência Artificial como Instrumento de Extrativismo do Conhecimento. (Trad. LAVITS) KIM research group e Share Lab, 2020.

Referências

FREIRE, P.; MACEDO, D. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. 3a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Ática, 1999.

GONSALES, T. A.; COMARÚ, F. A. Cidades e periferias brasileiras: violência, despossessão e insustentabilidade: o tempo é agora!. In: Gisele Cittadino; Suze Piza; Jessé Souza. (Org.). Como parar o relógio do juízo final. 01ed.São Paulo: Instituto Conhecimento Liberta, 2023, v. 01, p. 179-210.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras: São Paulo, 2020.

LATOUR, B. Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red 1a. Ed. Buenos Aires: Manantial, 2008.

Leituras relacionadas

Frediani, A and Cociña, C. (2024). Communication practices and the struggles for housing justice: early reflections from São Paulo and Lagos. IIED, London. www.iied.org/22587iied

Rodrigues, E., Barbosa, B. and Gonsales, T. (2024). Emergência habitacional em São Paulo: Uma análise da crise de moradia sob a perspectiva da produção autogestionária e da luta contra despejos e remoções forçadas. IIED, London. www.iied.org/pt-br/22588iied

O artigo apresenta a experiência de um curso de formação em comunicação popular destinado a militantes da União dos Movimentos de Moradia de São Paulo (UMM-SP), uma entidade com 35 anos de atuação que busca reorganizar suas estratégias comunicativas. Para isso, a UMM organizou um curso para sua base com o objetivo de apresentar discussões teóricas e ferramentas de comunicação aos participantes e, ao fim, organizar um grupo que se dedicasse à comunicação do movimento. O texto apresenta reflexões acerca dessa experiência, marcada por potencialidades e limitações.

O IIED é uma organização de pesquisa em política e ação. Promovemos o desenvolvimento sustentável com o objetivo de melhorar os meios de subsistência e proteger o ambiente sobre os quais estes são construídos. Somos especializados em conectar as prioridades locais com os desafios globais. O IIED é baseado em Londres e trabalha na África, Ásia, América Latina, Oriente Médio e no Pacífico, com algumas das pessoas mais vulneráveis do mundo. Trabalhamos com eles para fortalecer sua voz nas arenas decisórias que os afetam – desde conselhos comunitários até convenções internacionais.

iied

International Institute for Environment and Development
44 Southampton Buildings, Londres WC2A 1AP, Reino Unido
Tel: +44 (0)20 3463 7399
www.iied.org

Este trabalho foi apoiado pelo Arts and Humanities Research Council (número de subsídio AH/W005980)



Produtos de
conhecimento